



TEMPO DISCURSIVO: POSSIBILIDADES TEÓRICO-ANALÍTICAS EM ARTICULAÇÃO COM O REAL

Renata S. da Silva¹

Neste estudo, pensamos uma possibilidade de articulação entre o real e a repetição na Análise do Discurso de linha francesa, a partir de um deslocamento dessas noções na ótica psicanalítica.

Para refletirmos sobre essa temática, analisamos a prática discursiva da Central Única dos Trabalhadores (CUT) em dois períodos históricos: anos 80 e 90. Vale destacar que a CUT é consequência do “novo sindicalismo”, fase na qual retornam à cena política muitos trabalhadores silenciados desde 64. A representante máxima dos trabalhadores, à diferença de organizações trabalhistas anteriores, não compactuaria com o Estado e o patronato e passaria a priorizar a aliança com os representados.

Durante os anos 80, a Central lutava pelas causas trabalhistas principalmente através do confronto e mostrava-se filiada a uma formação discursiva sindical-socialista. Sob a evidência de sentido oriunda dessa filiação ideológica, o tempo é imaginado como uma ruptura, ou seja, é possível a quebra na sucessão de acontecimentos que excluem a classe trabalhadora. A história é mutável e melhores condições de vida e de trabalho podem surgir. Nos anos 90, o advento do neoliberalismo e mudanças no mundo do trabalho provocam uma crise na atividade dos sindicatos. A maior central sindical do país muda sua estratégia e passa a preferir a negociação ao conflito, torna-se mais acomodada à ordem vigente e a unidade da FD sindical-socialista torna-se suscetível de questionamento.

Na primeira fase, as publicações da CUT têm formulações remissivas aos princípios do “novo sindicalismo” elaboradas com o presente gnômico, expressão de tempo que constitui o discurso em fundador porque é propício à enunciação de “verdades eternas”. Logo, esse recurso linguístico estabiliza a nova tradição de sentidos. Para que fosse mantida a estabilidade semântica da enunciação cutista na segunda fase, os princípios sindicais são repetidos em enunciados com o verbo *dicendi* “reafirma”.

Supomos que na retomada de construções com o presente gnômico, surgiram falhas, que ressignificaram o status “fundador” da prática discursiva em estudo e instauraram a heterogeneidade na FD de referência. É a partir das expressões de tempo mencionadas que tecemos considerações sobre o real e a repetição na Análise do Discurso de linha francesa.

Passemos à apresentação das sequências discursivas de referência, extraídas de jornais publicados pela CUT:

¹ Unipampa-Jaguarão



<i>A fase conflitiva</i>	<i>A fase negociadora</i>
<p>SDR 1 - A CUT (...) tem como compromisso a defesa de interesses imediatos e históricos dos trabalhadores (RESOLUÇÕES DO II CONGRESSO NACIONAL DA CUT, 1986).</p> <p>SDR 2 - (...) a CUT, desde a sua origem, nasce classista e comprometida em articular nas lutas os objetivos imediatos e históricos da classe trabalhadora (RESOLUÇÕES DO II CONGRESSO NACIONAL DA CUT, 1988).</p>	<p>SDR 3 - (...) a CUT reafirma sua posição de luta pela conquista dos interesses imediatos e históricos dos trabalhadores e o seu compromisso de luta e organização da classe trabalhadora (INFORMA CUT, n. 86, jan., 1990, p. 4).</p> <p>SDR 4 - (...) A CUT reafirma sua posição de entidade voltada aos interesses da classe trabalhadora (...) (INFORMA CUT n. 80, nov., 1989, p. 3).</p> <p>SDR 5 - A CUT reafirma a sua permanente disposição de debater e implementar as reivindicações dos trabalhadores (INFORMA CUT, n. 93, março, 1990, p. 2).</p>

Nas sequências da primeira fase, o presente gnômico é construído através do verbo “ter” na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo e da forma nominal particípio “comprometida”. As definições têm como regularidade o comprometimento da CUT com os interesses e/ou objetivos “imediatos e históricos” da classe trabalhadora. Na SDR 2, o aposto “desde a sua origem” e o verbo “nascer” seguido do complemento “classista” constroem um “sempre implícito” na vinculação da Central com seus representados.

Tais definições da prática sindical cutista são lugar de inscrição da “ilusão de exterioridade”, identificada por Zoppi-Fontana (1997) quando o sujeito enuncia como se fosse um outro. Notamos a presença dessa ilusão, porque a CUT assume uma posição de detentora de saberes; enuncia ciente das históricas e imediatas necessidades de toda a classe trabalhadora. Ou seja, estamos mediante enunciações que costuram memória, atualidade e devir: o comprometimento do sindicalismo com os trabalhadores e não com Estado e o patronato, a prática sindical classista são os princípios “ausentes” em movimentos sindicais pré-CUT; a expressão linguística utilizada confere uma dimensão atemporal aos elementos-chave do “novo sindicalismo”, transformado numa realidade permanente; o futuro aí se vislumbra, pois os enunciados, ao referenciarem a CUT como uma instituição sindical, que, diferente das anteriores, manterá alianças exclusivamente com seus representados, são soluções para a fundação das novas relações sindicais, que ensejarão novas relações sociais.

As construções da segunda fase foram recortadas do *corpus*, dada sua coexistência com o presente gnômico dos enunciados da primeira fase. Se antes foi enunciada, por uma posição sujeito omnitemporal, uma “verdade” para sempre válida, logo, indubitável, porque “reafirmar” a sua manutenção (SDR 3, SDR 4, SDR 5) e ainda indicar a “permanente disposição” da CUT de tratar dos interesses trabalhistas (SDR 5)?



Segundo Ernst (2009), o *excesso*, a *falta* e o *estranhamento* são três conceitos-chave, pois se apresentam como regularidades nos processos discursivos que podem nortear o gesto de interpretação do analista de discurso. Com base nessas reflexões, podemos questionar o que significa o *excesso* ao qual nos reportamos no quadro acima. Conforme a autora, o *excesso*, isto é, “a estratégia discursiva que se caracteriza por aquilo que está demasiadamente presente no discurso”, é um “acréscimo necessário” para o sujeito, que, através das repetições, institui como relevantes saberes de uma determinada formação discursiva (p. 4).

Os enunciados da segunda fase assemelham-se tanto pela construção sintática – sujeito “CUT”, núcleo do predicado “reafirma” e complemento verbal constituído de retomadas de compromissos instaurados na fundação da Central, quanto pela produção de um “efeito de lembrança”, de continuidade das imanências do sindicalismo cutista. Estamos frente a uma rede de repetibilidade de elementos de saber referentes aos compromissos da CUT com os trabalhadores.

O presente gnômico, nas análises precedentes, foi propício à construção de uma história eterna, com anulação das mudanças temporais; transformou os enunciados nos quais incidu em axiomas e, assim, foi propício à constituição do discurso fundador. Para que compreendamos a implicação do verbo *dicendi* “reafirma” no funcionamento do discurso em questão, façamos um breve, mas necessário desvio.

Na conduta do sujeito, algo volta continuamente, sem que haja um controle desse retorno. Essa volta adquire um caráter “compulsivo” e aparece como um “automatismo”; daí a utilização dos termos psicanalíticos “compulsão à repetição” ou “automatismo de repetição” (CHEMAMA, 1995, p. 190). Sobre a diferença entre reprodução e repetição, aquela é acionada voluntariamente pelo sujeito, enquanto esta independe deste.

Das considerações psicanalíticas sobre a repetição, percebemos na definição do neologismo laciano “disque-ursocorrente (disque-ourcourant)” ponderações atinentes à presente pesquisa. Essa expressão, a partir de 1972, remete ao fato de todo o discurso ignorar sua “própria causa, isto é, o impossível (ou o Real), a partir do qual ele se constitui” (CHEMAMA, 1995, p. 50). Devido a essa recusa,

nos discursos efetivamente falados, mesmo que sua sintaxe pré-consciente esteja ligada ao retorno da reserva inconsciente que neles se imiscui, as frases do sujeito serão comandadas pela evitação desse núcleo de *real*. É preciso, então, constatar uma *resistência* do próprio *discurso*, e não mais apenas uma resistência do eu (CHEMAMA, 1995, p. 50-1) (grifos nossos).

Tais explicações demonstram ser o *discurso* o lugar de *resistência ao real* e a *repetição*, as voltas, os contornos do sujeito em torno do que para ele é indizível num determinado momento.

Sob a perspectiva discursiva, seria pertinente um deslocamento que não deixasse de fazer eco a essas proposições. A repetição pode ser compreendida, no nível do (intra) *discurso*, como uma



resistência mais ou menos consciente - mas, indiscutivelmente, atravessada pela ordem do inconsciente - do eu imaginário ao *real*.

O sujeito não descobre o real, mas com ele se depara. Nesse encontro, assume uma posição mediante isso que lhe é não-simbolizável. A repetição indicia uma posição de recusa da incompletude; é a manifestação, no fio do discurso, de uma repulsa da equivocidade.

Por isso, a repetição pode ser dubiamente pensada:

- é um recurso para a construção do “efeito de real”. Através das retomadas, o eu imaginário tenta assegurar que apreendeu a totalidade dos referentes. Quem enuncia, sob a determinação do imaginário linguístico, pensa que a língua é transparente e expressa perfeitamente as significações. Sob essa ilusão, a repetição transforma-se em uma forma de alcançar a desejada estabilidade semântica e “mostrar” o fechamento da formação discursiva que regula o processo de “reformulação-paráfrase”;

- uma proteção e uma forma de resistência à impossibilidade de tudo apreender, que funciona, à revelia do sujeito, como marca reveladora da existência do recusado. Ou seja, negar a existência da incompletude é reconhecer sua existência. Retornando, contornando, redizendo, o sujeito, pelo *excesso*, assume a *falta*, inerente à captura do real. Concluímos então que o *excesso* revela uma ilusão de que a *falta* pode ser suturada, por isso, a repetição torna-se lugar de inscrição do equívoco.

No domínio do *simbólico*, a linguagem, via repetição, adquire status de apreensora do *real*; contudo, as constantes voltas, giros do discurso são incapazes de acobertar o furo que o real provoca na estrutura. E apenas sob a determinação do *imaginário* linguístico, que é possível a enunciação tornar-se uma forma de “proteção”, de “defesa” do eu face àquilo que desestabiliza seus enunciados.

A repetição dos princípios cutistas nas orações cujo núcleo é “reafirma” revela uma estratégia de manutenção da costura entre memória, atualidade e devir, já-feita no período de fundação. É uma forma de assegurar a manutenção de sentidos que particularizam o sindicalismo cutista. Interessamos verificar que a formulação desses princípios deu-se através do presente gnômico e sua reformulação, através de um verbo cujo prefixo significa duração, repetição, continuidade.

Os enunciados da segunda fase foram produzidos quando a FD oposta – a capitalista – tornou-se uma força progressivamente poderosa no confronto ideológico com a FD sindical-socialista. Esta, num ajuste às novas circunstâncias de embate, deslocou os sentidos de “luta”. A conformação à ordem vigente, algo que não podia, nem deveria ser dito, deixou de ser exterior à FD em questão. A exclusiva aliança com os interesses e objetivos dos trabalhadores tornou-se dúbia porque a CUT passou a preferir a negociação com o Estado e o patronato, ao invés do antigo enfrentamento. Isso promoveu deslizamentos de sentido no princípio de “defesa dos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora”.

Os enunciados da segunda fase, via repetição de formulações-origem, são um apagamento do referido deslocamento de fronteiras. Na direção do intradiscursos em relação ao interdiscursos, procuram assegurar o fechamento da FD como memória do dizer, promover um esquecimento das



mudanças históricas. Portanto, constituem-se em resistência ao equívoco; são uma forma de construir um efeito de apreensão do real no espaço discursivo sindical.

Através da reflexão desenvolvida, verificamos que pelo *excesso*, o sujeito “assume” existir uma falta que precisa ser velada. Sendo assim, a forma verbal “reafirma”, por um lado, contribui para que o sujeito cutista reitere sua visão omnitemporal a respeito das carências da classe trabalhadora e das verdades que deverão guiar esse grupo, permite que a Central mantenha a homogeneidade de seu discurso fundador. Por outro, através desse verbo *dicendi*, a Central deixa vestígios de que os enunciados da primeira fase, embora construídos com o presente atemporal, não se transformaram em indubitáveis, algo *falta* para que o fechamento se instaure, para que as posições cutistas sejam da ordem do já-conhecido, do já-instituído, do já-explicitado.

A emergência dessa repetição como equívoco acontece por causa das novas condições sócio-históricas da formação social capitalista e devido à reconfiguração da subjetividade cutista, antes promessa de execução do novo sindicalismo, ora uma entidade que não conseguiu romper com a estrutura sindical.

Retomando Courtine (1999), o interdiscurso pode homogeneizar sentidos formulados e desautorizar sentidos reformulados. As formulações-origem da primeira fase surgiram fundando saberes que, devido à atemporalidade construída nas definições, enfrentaria as mudanças históricas e manteria o fechamento da FD sindical-socialista. O novo sindicalismo subsidiava a formação imaginária de um tempo em que os trabalhadores teriam quem os impulsionasse à luta. Entretanto, essa fase histórica do sindicalismo encontrou dificuldades na aplicação das inovações que propunha; sentidos indesejados apegaram-se aos enunciados fundadores. A reformulação desses dizeres foi a estratégia, no fio do discurso, para que a “novidade” continuasse a significar a proposta sindical cutista. Mas os deslocamentos de sentido ocorridos no interdiscurso não aceitaram o esquecimento e provocaram no “excesso”, na reiteração de saberes relevantes da FD sindical-socialista “buracos”, “brechas”, não-tamponados pela estrutura.

Através das análises realizadas, concluímos que o presente gnômico só estabiliza discursividades no imaginário linguístico dos sujeitos, iludidos com a apropriação da língua aos sentidos. A falha identificada no intradiscurso é reveladora da incompletude das formações imaginárias da CUT a respeito do “tempo” em que trabalhadores e representante máxima, compatibilizados com os mesmos interesses e objetivos, fundariam uma nova rede de memória no mundo do trabalho.

Referências Bibliográficas

CHEMANA, Roland (org.). *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COURTINE, Jean Jacques. O chapéu de Clémentins. In: INDURSKY, F; LEANDRO FERREIRA, M. C. (orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.



ERNST, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: *IV SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. Porto Alegre, UFRGS: novembro, 2009.

FIORIN, José L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1999.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). Trad. Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

_____; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). Trad. Péricles Cunha. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997, p. 163-252.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Trad. Eni P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997a, p. 61-161.

_____. A análise de discurso: três épocas (1983). Trad. Jonas de A. Romualdo. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997b, p. 311 - 318.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento* (1983). Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1997c.

RODRIGUES, Iran. J. *Sindicalismo e política: a trajetória da CUT*. São Paulo: Scritta, 1997.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. *Cidadãos modernos: discurso e representação política*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.